

A CONSTITUIÇÃO DE UM ENUNCIADO NOS DISCURSOS SOBRE A DOCÊNCIA EM QUÍMICA NA UNIVERSIDADE E NA ESCOLA

VERÔNICA CALDEIRA LEITE CHRISTINO¹; MAIRA FERREIRA²

¹Universidade Federal de Pelotas – leite.veronica@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – mairafe@uol.com.br

1. INTRODUÇÃO

Este estudo refere-se à análise de discursos sobre a docência e a profissão docente que circulam na universidade e na escola. O objetivo geral desta pesquisa foi analisar alguns discursos sobre o ser professor que circulam em um curso de formação de professores de Química e no ambiente escolar, buscando identificar qual ou quais enunciados perpassam ambos os discursos e quais os efeitos sobre a docência e sobre professores principiantes, sejam estagiários, sejam docentes em início de carreira. Neste estudo, toma-se como referencial a teorização de Foucault (2012) em torno do discurso. Assim, entende-se o discurso como prática e prática como discurso, que cria verdades e institui o próprio objeto do qual fala.

Faz parte deste trabalho um breve histórico sobre a formação de professores no Brasil, a partir de autores como Vianna (2004), Garcia (1994) e Cury (2003), buscando-se entender o espaço que a formação docente ocupa dentro da academia. Para tanto, fez-se necessário pesquisar e entender como se deu a institucionalização da Didática como campo de estudos e de práticas no ensino superior brasileiro, visto que, conforme argumenta Castro (1992), este fato se deu conjuntamente ao surgimento dos primeiros cursos de formação de professores no Brasil em nível superior, nas primeiras décadas do século XX, nas Faculdades de Filosofia. A partir dos estudos de Garcia (1995) entende-se o espaço ocupado pela Didática na formação de professores, a qual herdou o legado da Escola Normal e do ensino primário, onde a maior parte dos professores eram mulheres oriundas da Escola Normal, sem uma formação de nível superior. Tal fato, somado à questão da classe social desses professores, marcaram o campo da Didática, marcando também o lugar para o saber pedagógico na hierarquia das disciplinas no meio acadêmico-universitário das Faculdades de Filosofia da época.

Buscou-se, ainda, neste trabalho, um estudo sobre algumas vertentes teóricas no campo da formação de professores, apresentando-se as compreensões de Tardif (2002) que defende uma epistemologia da prática profissional docente e as de Moraes (2009), que faz uma crítica a essa leitura por acreditar que, dessa forma, tende-se a um certo esvaziamento de conteúdo na formação de professores e a uma desintelectualização do professor, enquanto ser capaz de produzir conhecimento.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Foram sujeitos da pesquisa alunos concluintes de um curso de licenciatura, no período 2011/2, professoras ingressantes de Química do Colégio Municipal Pelotense e estagiárias no período de 2011/2 a 2012/1 no mesmo colégio, todos estudantes ou egressos do Curso de Licenciatura Química da UFPel. Foram tomados como *corpus* de análise as entrevistas, os questionários e os registros de respostas a uma situação hipotética criada para que os

entrevistados manifestassem sua opinião sobre o curso de licenciatura e sobre o ser professor.

Ao trabalhar com as teorizações de Foucault, é impossível olhar para os dados da pesquisa como falas individuais dos respondentes; os registros são entendidos como enunciados povoados de significados, provenientes não do sujeito individual, mas de um sujeito coletivo no qual lógicas culturais e cotidianas estão imbricadas e refletem discursos que atravessam esses sujeitos.

É com este entendimento que foi construído o sentido para o material de análise levantado, buscando-se, nos materiais produzidos, “as regularidades, as significações compartilhadas e não a verdade ou a infidelidade dos relatos” (SILVEIRA, 2007, p. 134).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos dados, feita a partir da perspectiva da análise de discurso, possibilitou perceber algumas recorrências das formas de dizer, dos assuntos e algumas regularidades nas falas, nas práticas, nos discursos quando se põe em discussão o tema ser professor. Trabalhar na perspectiva da análise de discurso, tratando os enunciados em sua raridade (FOUCAULT, 2012), implica reconhecer que esses possam ser recorrentes em diferentes formações discursivas e que, ao falarem sobre algo, constituem/produzem verdades e práticas sobre o que é dito. Assim, a análise dos dados mostrou a recorrência de um enunciado que perpassou diferentes discursos, na universidade e na escola, de que **ser professor da Educação Básica é algo menor**.

Os concluintes do curso de Licenciatura em Química (identificados de Q-1 a Q-7) reclamam um tratamento diferenciado aos alunos da licenciatura em comparação aos alunos do bacharelado, por parte dos professores da universidade. Segundo seus relatos alguns professores ministravam aulas menos aprofundadas em termos de conteúdo para os alunos da licenciatura, bem como tinham um grau de exigência diferenciado de trabalhos e relatórios, o que acabava gerando uma sensação desconfortável para esses alunos, tal como pode ser evidenciado a seguir:

Outra decepção também foi a falta de interesse de alguns professores com o curso de licenciatura em Química. Que é aquela questão de não querer dar aula no curso, “pra licenciatura não vou dar aula”, ou pra licenciatura faz uma prova diferente, um trabalho diferente. (Q-4)

As professoras iniciantes (identificadas como P-X e P-Y) também perceberam, durante o seu curso de licenciatura, a falta de estímulo de boa parte dos professores para o exercício da docência, sendo enfatizada fortemente a área da pesquisa e da indústria:

Da minha turma a única que gostou da licenciatura fui eu e eu não agradeço isso aos meus professores de maneira alguma, eu agradeço isso só ao Desafio [curso pré-vestibular gratuito onde as aulas são ministradas por estudantes das licenciaturas], porque os nossos professores sempre nos incentivaram pra pesquisa, pra indústria...(P- Y)

Essa visão do curso talvez seja apontado por Pereira (2000) quando afirma que na maioria das universidades brasileiras, existe, dentro de um mesmo curso, as modalidades licenciatura e bacharelado, o que faz aparecer uma duplicidade de objetivos: formar pesquisadores e formar professores para o ensino básico. Segundo esse autor, outros autores acusam

uma valorização maior do Bacharelado por sua relação com a formação do pesquisador e um certo descaso com a Licenciatura por sua vinculação com a formação do professor, refletindo desse modo, o desprezo com que as questões relacionadas ao ensino e, mais especificamente, ao ensino fundamental e médio, são tratadas nas universidades (p. 59-60).

Essa maior valorização da formação do bacharel em relação à formação do licenciando parece estar ligada a uma supremacia do discurso da ciência sobre o discurso pedagógico e isso reforça o enunciado que constitui o **ser professor de ensino básico algo menor**. Mas não é por nada que os cursos de formação de professores vivem uma constante busca por valorização. O histórico da formação de professores mostra-nos que, nas universidades, enquanto os cursos que formavam os profissionais autônomos como os engenheiros, arquitetos, médicos e cientistas buscavam, fora do país, graduados e pós-graduados renomados para formar os novos profissionais da área, os cursos de licenciatura tiveram seu início nas Faculdades de Filosofia, em que as cadeiras de didática foram inicialmente ocupadas por mulheres oriundas da Escola Normal que tinham, quando muito, um curso de aperfeiçoamento nos Institutos de Educação, os quais não tinham estatuto de ensino superior (GARCIA, 1995). Com esse histórico, não é difícil entender esse lugar que a formação docente para o ensino básico ocupa dentro da academia.

Mas essa supremacia do discurso científico sobre o pedagógico não é uma prerrogativa apenas da academia. Na escola também acontece essa valorização do discurso científico. Por exemplo, caso haja uma palestra ou uma atividade extra-classe, busca-se sempre que tais atividades sejam feitas no horário das aulas de filosofia ou literatura, por exemplo, para não atrapalhar as aulas de Química, Física ou Matemática, consideradas mais importantes; procura-se também que as aulas de Química, Física e Matemática não fiquem nos primeiros períodos de segunda-feira ou nos últimos da sexta-feira, pois são horários em que os alunos faltam mais ou estão menos atentos às aulas; nos conselhos de classe, se um aluno é reprovado em apenas uma disciplina como História, por exemplo, isto é questionado, mas, se esta disciplina for Química, Física ou Matemática, não há muitos questionamentos. Todas essas práticas/discursos nas escolas também fazem com que o discurso científico ocupe um lugar privilegiado em relação a outros discursos.

Outra questão bastante recorrente nas falas dos entrevistados neste estudo diz respeito ao distanciamento entre universidade e escola. Eles afirmam que os professores da universidade desconhecem a realidade das escolas de Educação Básica e, desconhecendo o seu espaço de exercício profissional, não os prepararam para a escola que irão encontrar. Afirmam, ainda, que os formadores de professores precisariam conhecer a realidade da Educação Básica, para evitar formar professores para uma escola que não existe. Vejamos a fala de um dos alunos concluintes e de uma professora de Química:

A universidade nos prepara para uma escola dos sonhos, de fantasia, onde tudo é possível, porém eu já sabia que não era assim, tenho muitos familiares que são professores e sempre me davam a real situação escolar. (Q-4)

Tem muita coisa utópica, que eles dizem assim que é muito bonito na teoria, mas que na prática [não é] até porque a gente tem vários alunos, várias turmas, então não funciona (P- X)

Essas falas nos dão o tom do que perpassa o intramuros das escolas de Educação Básica. É interessante perceber que, enquanto para a universidade, a escola é um lugar bonito, onde são várias as possibilidades de situações de ensino, para a escola, o que é dito na universidade é “utopia”. Os entrevistados entendem que, na prática, é sempre muito difícil fazer algo diferente na escola, porque tudo já estaria predeterminado pelas regras, pelos estatutos, pelos regimentos, tudo já estaria engessado, cristalizado num *modus operandi*. De certa forma, ao assumir essa postura, entendem a escola como um lugar da mesmice, do fazer mínimo, ou seja, a escola como esse lugar menor e o trabalho do professor, submetido a esse fazer mínimo, também seria de menor valia, constituindo o enunciado evidenciado nesta pesquisa de que **ser professor da Educação Básica é algo menor**.

4. CONCLUSÕES

A partir dos resultados da análise, nota-se que a supremacia do discurso científico sobre o discurso pedagógico continua a ser reforçada na escola, na universidade e nas próprias políticas de governo do país. E, quando o discurso científico predomina sobre o pedagógico, estamos favorecendo a formação de um tipo de profissional que não é o professor da Educação Básica.

Além disso, percebe-se que há um estranhamento da escola pelos sujeitos que iniciam a docência, seja como estagiário, seja como professor ingressante, o que parece mostrar que o enunciado percorrido ao longo deste estudo produz verdades, produz efeitos. Pois, se trabalhar na escola é algo menor, a universidade, considerada local de saber e conhecimento, tende a se afastar cada vez mais dessa escola. Neste sentido, defende-se uma escola mais comprometida com a formação dos futuros professores, não porque a escola conhece a realidade da prática profissional, mas porque a escola possui professores, intelectuais da educação que muito têm a contribuir com as políticas de educação, com a formulação de propostas, com a análise crítica do que acontece dentro e fora da escola.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASTRO, M. A. A memória do ensino de Didática e Prática de Ensino no Brasil. **Revista da Faculdade de Educação** [da] Universidade Estadual de Campinas. v. 18, n. 2, p. 233-240, jul./dez. 2002.
- CURY, C. R. J. A formação docente e a educação nacional. In: O. D. A. **Reformas Educacionais na América Latina e os Trabalhadores Docentes**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p.125-142.
- MORAES, M. C. M. A Teoria tem Consequências: indagações sobre o conhecimento no campo da educação. **Educação e Sociedade**. Campinas, vol. 30, n. 107, p. 585-607, maio/ago. 2009. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>
- FOUCAULT, M. **Arqueologia do Saber**. 8 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
- GARCIA, M. M. A. **A Didática no Ensino Superior**. Campinas, SP: Papyrus, 1994.
- _____. O campo da didática no ensino superior: um enfoque sócio-histórico. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 1, p.73-91, jan./jun. 1995.
- PEREIRA, J. E. D. **Formação de Professores: pesquisas, representações e poder**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- SILVEIRA, R. M. H. A entrevista na pesquisa em educação – uma arena de significados. In: COSTA, M. V.(org.). **Caminhos Investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**. 2 ed. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2007, p. 117-138.
- TARDIF, M. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- VIANNA, I. O. A. A formação de docentes no Brasil: história, desafios atuais e futuros. In: RIVERO, C. M. L.; GALLO, S. **A formação de professores na sociedade do conhecimento**. Bauru, SP: Edusc, 2004.